

ENDEREÇOS DA CIDADE MARAVILHOSA

João Baptista Ferreira de MELLO

NeghaRIO – Núcleo de Estudos sobre Geografia Humanística, Artes e Cidade do
Rio de Janeiro

UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Rua São Francisco Xavier, 524 sala 4118 F

Rio de Janeiro – Rio de Janeiro

neghario@uol.com.br

Resumo

O endereço, em suas mais diversas expressões e escalas, sob a chancela do conceito lugar, tem sido uma questão central no âmbito dos estudos da geografia humanística, corrente preocupada em entender a alma dos lugares a partir da perspectiva dos indivíduos e grupos sociais. Neste contexto, este artigo focaliza categorias espaciais cotidianas da “Cidade Maravilhosa” tais como mudança de endereços, endereços imortalizados na memória, endereços virtuais, entre outros.

Palavras-chave: Rio de Janeiro, endereço e lugar

Abstract

The address, in its most diverse expressions and scales, under the seal of the place concept, has been a central issue in the scope of the studies in humanistic geography, current of thought concerned in understanding the soul of places from the perspective of the individuals and social groups. In this context, this paper is focused on everyday-life spatial categories of the "Marvelous City", such as change of address, immortalized addresses in the memory, virtual addresses, among others.

Key-words: Rio de Janeiro, address and place.

O endereço, em suas mais diversas expressões e escalas, sob a chancela do conceito lugar, tem sido uma questão central no âmbito dos estudos humanísticos em geografia. Nesta concepção filosófica e vivida, a Terra constitui-se no lar ou lugar dos homens, assim como a casa, a rua, o bairro e, simbolicamente, a cidade e a pátria. Em contrapartida, torna-se desconcertante registrar o desconhecimento de alunos do segundo grau sobre o próprio endereço no Universo. "Mas, professor nós não moramos dentro da Terra?" – foi a indagação de uma aluna quando o autor deste texto proferiu uma palestra no Colégio Estadual Benjamin Constant. Minha surpresa como docente conduziu-me a retornar a pergunta para a turma de adolescentes e jovens alunos que formavam a audiência e, como se tratava, praticamente, de um coro uníssono a refazê-la em encontros seguintes em outros educandários. Estou tecendo comentários a respeito de estudantes do bairro de Santo Cristo e comunidades de seu entorno, parte integrante da periferia da Área Central do Rio de Janeiro. Por outro lado, estes indivíduos são exímios conhecedores do bairro e possuem um mapa íntimo e sofisticado do balé do lugar empreendido no dia a dia, bem como dos logradouros, dos fixos sociais e das centralidades provocadas pelos bailes, festas, rituais religiosos entre outros aspectos da citada porção espacial da cidade. Ou seja, são, como nas elucubrações de Lowenthal (1985b) geógrafos informais, capacitados para discorrer sobre a alma do lugar vivido. Trata-se, na realidade, de uma geografia vivida, vigorosa, mas ainda assim, em razão da grandeza da cidade não há domínio sobre a geografia da cidade em toda a sua extensão ou, muito menos sobre o endereço no Universo. Neste contexto, esta pesquisa preocupa-se em apresentar categorias espaciais cotidianas da "Cidade Maravilhosa" tais como 'mudanças de endereço', "endereço residencial", "endereço desconhecido", "endereços imortalizados na memória" e "endereços virtuais" (SEAMON, 1980; TUAN, 1983; LOWENTHAL, 1985; SANTOS, 1988; CORRÊA, 1999; MELLO, 2000).

Mudança de Endereço

A cidade do Rio de Janeiro apresenta um rol variado de mudanças de endereços. Sua fundação oficial deriva da contestação francesa da divisão do Mundo Novo entre portugueses e espanhóis. Por conseguinte, em meio a uma guerra religiosa entre católicos e protestantes, os franceses ocuparam partes do continente e ilhas situadas na baía da Guanabara, sobretudo entre 1555-1565-1567,

na tentativa de formação da França Antártica. Como reação e com propósitos estratégicos e de defesa, Estácio de Sá, em nome do Rei, fundou a cidade na entrada da referida baía, em uma faixa estreita de terra, mas que permitia aos súditos da Coroa Portuguesa, controlarem toda a extensibilidade da então baía do Rio de Janeiro, ou até mesmo, ordenarem a retirada pelo Oceano Atlântico, caso o invasor francês ou seus aliados, da confederação dos índios tamoios fossem vitoriosos. No entanto, a exiguidade do sítio provocou, em 20 de janeiro de 1567, a transferência da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro para um outro endereço, qual seja, o morro do Castelo, um outro posicionamento geopolítico, cercado de mangues, lagos e o mar, um observatório natural, por excelência, como defendeu o pensador Carlos Lessa (2000). Mais tarde e exibindo a distinção de capital da Colônia, desde 1763, a cidade, em 1808, passou a ser um endereço nobre por receber a Família Real Portuguesa que deixara Lisboa, para não sucumbir à invasão de Napoleão ao território luso na Europa. Tratava-se ainda, de uma cidade acanhada. Os impactos espaciais foram diversos. Criação da Imprensa Régia, da Real Biblioteca, do atual Banco Real do Brasil, do Jardim Botânico, da instituição da décima urbana, cobrança esta que promoveu a numeração das casas sediadas em becos, travessas e ruas até a esta época sem numeração, afóra a obrigatoriedade da colocação de vidros nas janelas em uma urbe que abriga a Coroa e que, ao passar, a qualquer instante, precisa ser vista e reverenciada (ABREU, 2006).

Na aurora do século XX, o Rio, como é simplificada e carinhosamente denominado, transformou radicalmente o seu endereço sobre os seus próprios destroços. Uma mudança radical foi concretizada no bojo das intervenções urbanísticas de Rodrigues Alves, Pereira Passos, Paulo de Frontin e Oswaldo Cruz (ROCHA, 1983; MOURA, 1986; BENCHIMOL, 1990; LESSA, 2000; ABREU, 2006;).

A cirurgia urbana pregando o repúdio às formas espaciais da Colônia e do Império, na busca incessante da ordem e do progresso na geografia da cidade em um Rio outrora fétido e pleno de logradouros estreitos, foi de tal monta que o cognome "Cidade Maravilhosa" cunhado por Coelho Neto, em 1908, e repetido por Jeanne Catulle Mendes em 1912, na obra *Ville Marveilleuse* ganhou ecos e popularidade maior no embalo da marchinha de André Filho, em 1934, fazendo jus a um centro urbano majestoso, moderno, de feição capitalista, oxigenado e pautado no modelo imponente da arquitetura francesa do Barão de Haussmann, prefeito de

Paris nos idos de 1860 e banhado por um majestoso Atlântico e uma exuberante baía de Guanabara, como será mais detalhadamente visto a seguir (LESSA, 2000; MELLO, 2009).

Na realidade, a "Cidade Maravilhosa" de São Sebastião do Rio de Janeiro, como apontaram poetas e pesquisadores, forjou-se francesa, no início do século XX, sobre as ruínas ou deterioração de uma cidade portuguesa e a partir dos anos trinta metamorfoseou-se copiando os moldes americanos. Ao lado disso, convém acentuar, as formas naturais foram, igualmente, metamorfoseadas no desmonte de morros, aterros de lagos, mangues, avanço sobre o mar, mutilação ou destruição dos chamados bairros que "estão no meio do caminho" expulsando a população seu universo vivido e trazendo em cada rastro a marca da segregação espacial, controle e disciplinamento do espaço urbano. Todavia, para a cidade adquirir a configuração que, hodiernamente exhibe foram necessários mais de quatro séculos (CORRÊA, 1999; ABREU, 2006).

No transcurso do tempo, endereços reestruturados ou novos surgiram no conjunto das reformas urbanas na busca de outros espaços. Nesta perspectiva, o endereço nobre da cidade se espraiou da orla da zona sul de bairros mitológicos como Copacabana a "princesinha do mar", do gênio Braguinha e do Dr. Alberto Ribeiro, ou a cantada, decantada e sofisticada Ipanema, uma vez que construídos túneis e outras vias de acesso, rompendo a barreira do maciço da Tijuca, mormente a partir dos anos setenta, a conquista junto ao litoral se fez na direção oeste. Nas últimas décadas, o prosseguimento da "cidade dos ricos" se faz em direção à zona oeste litorânea dos shopping centers, vias expressas e condomínios fechados de São Conrado e da Barra da Tijuca, esta cada vez mais procurando se espelhar na cultura americana seja nos letreiros, no modo de vida, na imitação dos ícones, como a Estátua da Liberdade e, por vezes, até mesmo auto-proclamando-se a Miami nos trópicos, ainda que possuindo montanhas como o morro Dois Irmãos para "atrapalhar" tal postura, como sublinha o economista Carlos Lessa, a partir dos anúncios das companhias imobiliárias (MELLO, 1991; LESSA, 2000; ABREU, 2006; CERQUEIRA, 2009).

Endereço Residencial

A Cidade Maravilhosa de São Sebastião do Rio de Janeiro continua pulsando em ritmo, luz, alegria, títulos, elogios e esplendor, em virtude da persistência de sua beleza, cordialidade de sua gente e vibrantes manifestações culturais. O escritor maranhense Coelho Neto primeiramente cunhou a expressão Cidade Maravilhosa, em artigo publicado no jornal A Notícia, no dia 29 de novembro de 1908. Seguindo nesta trilha, a República positivista e seus defensores encontraram na poeta Jane Catulle Mendes, uma outra fervorosa defensora da urbe carioca, como pode ser conferido em sua obra *Ville Marveilleuse* de 1912.

Henrique Maximiano Coelho Neto, nasceu em 1864 em Caxias, no Maranhão. Filho de mãe índia e pai português chegou ao Rio de Janeiro ainda criança. Cronista, crítico, jornalista, conferencista, estudou Direito e tornou-se professor de História. Um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, com sua esposa teve quatorze filhos. Mais tarde, voltou ao tema da Cidade Maravilhosa em um livro de contos publicado em 1928. Alguns anos depois, justamente em 1934, o compositor André Filho e sua marchinha carnavalesca Cidade Maravilhosa imprimiriam, através do canto jovial de Aurora Miranda e arranjo bombástico de Pixinguinha, uma ressonância extraordinária para o Rio de Janeiro. Com efeito, ao longo de décadas, intelectuais, poetas, músicos, religiosos, políticos, gente comum e mesmo internautas de diversas partes do Planeta ratificaram o deslumbramento, a reverência e a devoção à mais bela cidade do mundo .

Neste particular, a cidade, como ninho aconchegante e em sua vastidão, agrega proteção e querência, assumindo foros de uma concha, lar ou lugar existencial ou da coletividade. A idéia encontra apoio na noção fenomenológica de mundo vivido, ou seja, um todo indissociável formado por pessoas, amigos, turistas, conhecidos, base territorial, eventos, pertences, aromas, sons, artefatos, “canções que minha mãe me ensinou” e toda sorte de evocações que permite a pessoa sentir-se em casa. Lugar é, portanto, a palavra-chave advinda e adaptada dos princípios filosóficos e retrabalhados pela geografia humanística, uma corrente preocupada em entender a alma dos lugares a partir das experiências vividas pelos indivíduos e grupos sociais (SCHUTZ, 1979; TUAN, 1983; 1998).

Centro de apoio, referência e ação, afora estabilidade e confinamento, o lar ou lugar integra o âmago dos nossos seres. Adentrar em um lar/lugar para elucidar a permanência mitológica da Cidade Maravilhosa é o propósito perseguido no texto.

Nestas condições, o lar cristaliza-se como um lugar central e em toda a sua magnitude. Por um lado, por ser um refúgio íntimo, proclamado e querido, trançado por laços de afinidade e de grande significado e, ao mesmo tempo, impregnado por experiências do passado e do presente. Por conseguinte, o Rio prossegue sendo explorado com desenvoltura e proclamado em livros, jornais, canções, teses, artigos, folhetos, cartazes, na linguagem vernacular e, entre outros, até mesmo na rede internet. Neste turbilhão, seu “múltiplo uso” e “múltiplas propostas” (TUAN, 1984:1), o transformam em centro ou no ponto para onde as coisas convergem (HARVEY, 1993), por ser um endereço emissor e receptor de idéias, trabalho, conflitos, lutas, divertimento, afora a sua destinação original de moradia.

As idéias acima conduzem ao perfilamento com o horizonte humanístico. Assim sendo, o lugar, dotado de uma expressão existencial e coletiva – somatório das dimensões simbólicas, emocionais, políticas, culturais e biológicas – tornou-se, o lugar, o conceito-chave com vistas ao desvelar de nossas geografias. Para tal entendimento, as manifestações culturais são ricas em relatos pessoais e depoimentos de escritores, pessoas comuns ou compositores oriundos das mais diversas procedências que falam de suas experiências diretas com o seu grupo social e lugar, ou que comungam e se solidarizam com outras camadas sociais e lugares. Com efeito, pode-se ressaltar, a força e os significados registrados nos discursos de toda gente emergem do íntimo de suas almas, a partir de vivências, concepções e solidariedade, longe da dicotomia sujeito-objeto e na plenitude ou carregados de emoção sobre o entendimento e o significado dos lugares (BUTTNER, 1985).

Como se sabe, as palavras ou versos podem permitir múltiplas interpretações. Os geógrafos e pesquisadores, em geral, precisam estar atentos ao lidar com a literatura ou poesia. A linguagem é, muitas vezes, ambígua, entrecortada de valores, símbolos, alegorias e metáforas.

Os geógrafos da corrente humanística não lidam com aspectos precisos/certinhos/ concretos. A fenomenologia empenhada em desbravar os meandros dos

significados e da qualidade de vida humana no mundo vivido (BUTTIMER, 1979) serve como via para a compreensão de tais geografias. Todavia, vale frisar, as fronteiras entre as filosofias do significado (fenomenologia e hermenêutica) não são muito rígidas. Por isso mesmo, Rose (1981) sublinha que vários geógrafos, entre eles Anne Buttimer, muito embora se identifiquem como fenomenologistas, exibem o movimento hermenêutico de maneira inconfundível. De todo modo, como nas palavras de Luis Eduardo Soares (1988:105) sendo a hermenêutica múltipla e plural é possível ou mesmo “lícito admitir a presença de teorias hermenêuticas em obras não dedicadas expressamente ao tema”.

Etimologicamente hermenêutica significa afirmar, proclamar, esclarecer e traduzir. De acordo com Palmer (1970: 23), as raízes deste vocábulo residem no verbo grego usualmente traduzido por “interpretar” e no substantivo “interpretação”. As duas palavras encontram-se em muitos textos da Antiguidade e remetem ao mensageiro-alado Hermes, associado a “tudo aquilo que ultrapassa a compreensão humana em algo que essa inteligência consiga compreender” (PALMER, 1970: 24). Hermes – a quem os gregos atribuíam a descoberta da linguagem e da escrita – em sua função anunciadora, era o responsável em trazer a mensagem do destino, sendo até mesmo considerado o mensageiro de Deus para com os homens, na medida em que dizer, afirmar ou proclamar sugere um relevante ato de interpretação (PALMER, 1970). Por conseguinte, como herança e tradição, o hermenêuta era o sábio com a tarefa de traduzir as mensagens bíblicas para uma linguagem corrente. Nestas condições, cabe dizer, as questões ainda não respondidas sobre o relacionamento entre as filosofias do significado e a geografia são diversas e complexas. Por vezes, a fenomenologia, o existencialismo e a hermenêutica oferecem mais ambigüidade do que clareza em vários pontos essenciais e determinantes. Como assinala Anne Buttimer (1985:190) “se elas podem levar-nos em direção a uma orientação humanística com base experiencial, no âmbito da disciplina, isso depende de muito mais investigação empírica”.

Seja como for, o presente texto se esforça em contribuir para tal empreendimento ao focalizar um endereço dotado de uma impressionante exuberância em uma natureza pródiga e dadivosa que persiste sendo homenageada por pessoas de todos os segmentos de renda, opções sexuais, etnias, credos e posições ideológicas. Privilegiado pela presença de baías (Guanabara e Sepetiba),

domínios florestais (Tijuca, Pedra Branca e Mendanha-Gericinó), além do Atlântico e, em meio a uma dadivosa e vigorosa natureza, a urbe carioca foi forjada pela ação humana, no bojo de pequenos e colossais aterros e, mais a seguir, com a perfuração de túneis.

Essa criação coletiva recebeu generosas, inusitadas e enriquecedoras colaborações. Na “rolança do tempo”, como diria o ator Mário Lago, juntaram-se ao cenário natural – neste endereço acolhedor – conquistadores, escravos, comerciantes, religiosos e artesãos, organizando, ao longo dos séculos, o espaço urbano carioca, em um caudaloso Rio de arquitetos, cafetinas, industriais, políticos, beldades, geógrafos, donas de casas e uma legião de advogados, faxineiros, pederastas, executivos, “inimigos do bactente”, lojistas e camelôs. Trata-se de uma geografia vívida e dadivosa, um Rio de ações, lutas e encantos. Afinados no convívio social e procurando lidar com as dissonâncias das margens do Rio, juntaram-se engenheiros, religiosos, odontólogos, garis, bancários, marceneiros e motoristas em uma cidade ostentatória em suas formas originais, imponente e, ao mesmo tempo, despojada nas edificações e plena de funções, centralidades e ou simbologias, cujo traço comum aglutina beleza, hospitalidade, bem estar, embates e o ritmo do dia-a-dia

O presente artigo, em meio aos meandros profissionais e construtores da Cidade Maravilhosa de São Sebastião do Rio de Janeiro, segue o rumo do Rio dos artistas da vida, procurando explorar seu endereço mor através de alguns apaixonados fragmentos como elementos exemplares de pesquisa que comprovam o fôlego de uma cidade que se mantém soberba no curso de um Rio maravilhoso e idolatrado. Nesta ciranda, consideremos a marchinha que popularizou e, mais do que isso, eternizou a expressão Cidade Maravilhosa. A música foi escrita por André Filho em 1934. Entregue à “Pequena Notável”, Cármen Miranda, esta preferiu lançar sua irmã no campo das artes populares. Aos dezenove anos de idade, Aurora Miranda registrou, em disco, sua voz com os seguintes versos: “cidade maravilhosa/ cheia de encantos mil/ cidade maravilhosa/ coração do meu Brasil... jardim florido de amor e saudade/ terra que a todos seduz/ que Deus te cubra de felicidade/ ninho de sonho e de luz” (MELLO, 1991).

O compositor André Filho nasceu (1906) e morreu (1974) no Rio de Janeiro. Órfão, criado pela avó, desde cedo começou a estudar ritmo e harmonia. Foi colega de escola do famoso radialista Almirante, residiu na legendária rua da Carioca, e escreveu sucessos para os cantores Mário Reis, Cármen Miranda e Sílvio Caldas. Por volta do início dos anos quarenta esteve internado com problemas psíquicos em uma casa de saúde particular, afastando-se desde então da vida artística. Sua música “Cidade Maravilhosa” - transformada em “Hino da Cidade”, em 1960, quando da transferência da capital para Brasília - décadas depois de lançada, continua popularíssima, abrindo e encerrando shows ou bailes carnavalescos (Enciclopédia..., 1977:36) e mesmo como música tema para as acrobacias desconcertantes da ginasta e medalhista panamericana Jade Barbosa ou nas comemorações triunfalistas do tricampeonato panamericano da seleção brasileira de basquete no Rio 2007 (MELLO, 1991; 2009).

“Cidade maravilhosa/ cheia de encantos mil/ cidade maravilhosa/ coração do meu Brasil...”. A expressão “Cidade Maravilhosa”, vale repetir, cunhada por Coelho Neto em 1908 – em decorrência da nova feição que o Rio de Janeiro assumia no início do século em conjunto com a beleza de seus mares e sinuosidade das suas montanhas – foi reutilizada por André Filho em sua obra carnavalesca. De 1908 a 1934, quando do lançamento da música em tela, o espaço urbano carioca sofreu uma série de intervenções e melhoramentos. Com efeito, a Reforma Passos, no raiar do século vinte, procurou transformar o Rio de Janeiro na “Paris nos Trópicos”. Para tanto, o Presidente Rodrigues Alves, o Prefeito Pereira Passos, o engenheiro Paulo de Frontin e o sanitarista Oswaldo Cruz comandaram uma intervenção urbanística de grandes proporções com “varreduras” de imensas porções espaciais com o propósito de atender aos anseios da ordem e do progresso no espaço urbano carioca. Como resultado, ocorreram aberturas de artérias (Rio Branco, Beira Mar, Men de Sá), alargamento de logradouros (Carioca, Sete de Setembro, Passos, Marechal Floriano), inauguração do Túnel Novo, ajardinamento de praças e, entre outros desafios, o combate aos velhos hábitos e às doenças que grassavam no Rio com marcas da Colônia e do Império (BENCHIMOL, 1990; LESSA, 2000; ABREU, 2008).

Anos depois, na década de vinte, a administração Carlos Sampaio arrasou o morro do Castelo, “berço da cidade”, intensificando um rol de aterros e aplainando

um espaço que se tornaria nobre na Área Central da capital da República. Assim, na sua composição poética, o músico André Filho ratifica o orgulho do povo carioca em habitar na “... cidade maravilhosa/ coração do meu Brasil...”, o que reflete uma metafórica postura etnocêntrica.

O etnocentrismo, como se sabe, diz respeito a um fenômeno universal de supervalorização do “centro”, “umbigo”, “mais saudável” ou “melhor lugar do mundo” e pode ser também compreendido como egocentrismo coletivo. As pessoas do “centro” estabelecem discriminação entre “nós” (“superiores”) e “eles” (“de menor valor”, “de cultura inferior”) olhando para estes de forma “blasé” e, por vezes, com apatia, sarcasmo ou agressividade. Nestas circunstâncias, a maioria dos povos entende que habita o centro do mundo. Assim sendo, o que está distante do seu lugar vivido tem pouco ou nenhum valor. Essa alegoria, com elementos positivos e negativos contribui também para a construção da utopia (TUAN, 1980; 1983; 1998; MELLO, 1991).

A conjunção da consciência criativa e o fantástico imaginado formam o lugar mítico. A utopia não se restringe às idéias de seu primeiro pensador Thomas Morus (1480 – 1535), mas igualmente ao lugar imaginário, do sonho, dos projetos irrealizáveis, da quimera, do inacessível ou idealizado como um eldorado suntuoso (TUAN, 1983; 1998).

O mundo da utopia é composto de bairros, jardins, ruas largas, arborizadas, funcionais, higiênicas e arejadas, monumentos magnificentes e torres de arrojadas silhuetas. A “cidade espetáculo” dos pensadores utópicos é benquista por ser ordeira, limpa e harmônica, o que facilita o controle. O homem, não podendo repetir na Terra o paraíso que as religiões propagam, o homem procura empreender cópias de lugares míticos. No mundo hodierno, como o conhecimento do Planeta é difundido nos “quatro cantos da Terra”, os paraísos são cidades como o Rio de Janeiro. Por ser a “Cidade Maravilhosa”, terra dos encantos e o “... coração do meu Brasil...”, ou o “centro”, a posição etnocêntrica do compositor André Filho, e dos cariocas, confunde-se com a idéia de espaço mítico. O Rio de Janeiro é, então, compreendido como um “eldorado urbano”. Desse modo, os cariocas encontram a “terra da promessa” ou o “paraíso” em seu próprio endereço, o lugar vivido, por excelência, ao contrário de outros povos de sociedade simples ou complexas que

passam suas existências idealizando, construindo mentalmente ou transmitindo através das tradições religiosa, oral e escrita o sentimento e a perspectiva de se chegar ao éden, passagem noroeste, terra sem mal ou como queira se denominar “um mundo perfeito” (TUAN, 1983; 1998).

Na esteira da inspirada marchinha de André Filho, outras diversas músicas foram compostas sobre o Rio como um endereço encantador. Na realidade, do mundo vivido o artista extrai elementos para o seu ofício e utiliza sua verve para entreter, denunciar, divertir, proclamar e ensinar.

Do universo instigante da música passemos à criatividade popular. O carioca, com particular sapiência, mutila ou acrescenta vocábulos e toponímias ao seu lugar vivido. Consideremos, pois, nas passagens seguintes, o espaço urbano carioca no trato de sua gente, mais especificamente na boca do povo. Via-de-regra, as pessoas distinguem o(s) seu(s) mundo(s) vivido(s) com apelidos e nomes informais. E a Cidade Maravilhosa se insere, orgulhosamente, neste conjunto. Mas, convém frisar, tais envolvimentos que brotam com a experiência, a confiança e a afeição revelam intimidade que, na acepção da palavra, é a qualidade do “que está muito dentro” ou o “que atua no interior”. Por isso mesmo, os lugares são entes queridos merecedores de considerações especiais. O homem, também, experiencia locais nomeados por outros e a ele passados, seja pela educação informal ou aqueles forjados pela administração pública. Designar com nomes, na tradição judaica, significa ter domínio. Os seres humanos dotam com qualificativos as montanhas, os rios, as províncias e os continentes. Essa relação de domínio e intimidade é preciosa, pois contribui para os estágios de pertencimento e interiorização, relevantes no processo de amor ao lugar vivido, ou seja, à sua própria geografia.

No Rio de Janeiro, a fértil criatividade de seu povo reflete-se, igualmente, através do repertório oral. A cidade conjuga em sua toponímia a referência a um acidente geográfico e ao mês no qual foi primeiramente aportado pelos brancos na aurora do século dezesseis. Sua origem, no entanto, carece de sustentabilidade, na medida em que, os lusos, exímios cartógrafos e desbravadores de terras e mares até então incógnitos, dificilmente confundiriam a estreita entrada da baía de Guanabara com a foz de um curso fluvial. Neste contexto, seria pertinente lembrar

que, o vocábulo rio, no idioma português arcaico, era sinonímia de barra, possuindo uma amplitude semântica superada na atualidade, ou até mesmo podendo confundir-se, mais remotamente, à idéia de ria, braço de mar com recortes profundos que se presta à navegação. Seu nome composto singra, igualmente, ambigüidades por contemplar o mês inaugural de cada ano, prática inusitada entre os portugueses. Na realidade, assim procediam os franceses nomeando os lugares com datas. De toda sorte, foram os franceses, humanistas-protestantes, determinados em promover a utopia tropical da França Antártica que criaram a Henriville, situada nos domínios de Uruçumirim, atual bairro do Flamengo, e nas ilhas do recôncavo da Guanabara, antes da fundação da Mui Leal e Heróica Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro.

Endereço Desconhecido

A temática concernente ao "endereço desconhecido" diz respeito a um dos aspectos mais comuns na "Cidade Maravilhosa". Como registrado por Tuan (1986) "de todas as coisas criadas pelos seres humanos nada se compara com a grandeza da cidade". Plural, heterogêneo, polimórfico e (in)completo o espaço urbano em sua requintada e diversificada carpintaria é vivido em meio a uma ciranda de sentimentos, entendimentos e conflitos protagonizados por amigos, conhecidos estranhos e turistas (MELLO, 1991) O que é mais público do que a cidade? (TUAN, 1986). Apesar disso, como se sabe, o homem tende a viver confinado em "seu mundo", e vale repetir, a dimensão da cidade não permite aos cidadãos explorá-la, conhecê-la ou habilitá-los a consumir a fantástica parafernália de artefatos disponíveis ou a ingressar em determinadas partes de seu espaço.

De um modo geral, o bairro, a Área Central, os locais de trabalho, estudo e lazer são endereços significativos, da identidade e do pertencimento, percorridos com desenvoltura e recortados afetivamente na lida do dia a dia. O desconhecimento dos endereços, porém, varia do nome à simples visita aos lugares. Consideremos inicialmente a questão da toponímia. Pergunte-se ao carioca o nome oficial do Parque do Flamengo, da Ponte Rio-Niterói ou do "Piranhão". O Parque Brigadeiro Eduardo Gomes, a Ponte Presidente Costa e Silva e o Centro Administrativo São Sebastião do Rio de Janeiro, este abrigando a Prefeitura da Cidade recebem na "boca do povo" designações diretas e simplificadas.

Esclareçamos o apelido "Piranhão". Trata-se de um edifício situado em área na qual anteriormente encontrava-se a zona do baixo meretrício. Um outro fato mais agravante. O desconhecimento de seu endereço oficial: rua Afonso Cavalcanti. Como o prédio encontra-se em frente a uma "pracinha" ajardinada e junto à Avenida Presidente Vargas, uma das maiores artérias do Rio de Janeiro, o endereço incógnito ocorre seja pelo nome do logradouro, seja pela informalidade do apelido extremamente popular na cidade. Tal designação "Piranhão" - decorre da destruição do bairro do Mangue, outrora ocupado pelo casario de prostíbulos. Por isso mesmo, e a despeito da mutação da forma, da função e do conteúdo, o carioca, em tom de galhofa e por meio de sua criativa comunicação, remete-se ao passado na alcunha "Piranhão". Quer dizer, a pecha do passado permanece em alusão ao endereço pretérito da prostituição e os nomes oficiais, contraditoriamente, desconhecidos do grande público.

Nesta senda focalizemos, em seguida, um dos endereços mais conhecidos da cidade, mas desconhecido em seu interior, segundo tenho constatado ao coordenar para alunos da UERJ ou para o público em geral que participa do projeto de extensão intitulado Roteiros Geográficos do Rio. A impotência de sua forma, os diversos acontecimentos sagrados ou profanos transformaram a "Candelária" em um endereço familiar a todos os cariocas. No entanto, os graduandos e a comunidade em geral que tenho guiado nas caminhadas para as devidas explicações sobre o interior do templo invariavelmente confessam, deslumbrados, estarem adentrando, pela primeira vez, ao recinto de espiritualidade, pompa e fé.

A Igreja de Nossa Senhora da Candelária, decorrendo de uma promessa no início do século dezessete e plantada sobre área de aterro, nos anos quarenta do século passado, foi salva da tirania imposta pela construção da avenida Presidente Vargas e encontra-se justamente no meio de suas pistas. Acontecimentos como os desfiles das escolas de samba e as lendárias passeatas dos anos sessenta, bem como das Diretas-Já, na década de oitenta, iniciavam seu percurso junto ao templo. Mesmo assim o seu endereço interior, além de outros templos e centros culturais permanecem ignorados para parte dos cariocas.

O derradeiro exemplo de endereço desconhecido refere-se aos morros do Senado, Castelo e Santo Antônio devastados (ou mutilados), respectivamente, ao

longo do século retrasado, em 1920 e em 1954. Em pesquisa de campo (maio de 2000) graduandos do curso de geografia da UERJ conferiram, através da prática de aplicação de questionários, o desconhecimento sobre a existência dessas elevações em pontos atualmente pertencentes a Área Central do Rio de Janeiro. Com uma ou outra exceção não apenas os morros foram arrasados, mas apagados da memória popular, a exemplo do morro do Castelo, "berço da cidade", um dos endereços nobres do Centro do Rio.

ENDEREÇOS IMORTALIZADOS NA MEMÓRIA

Dos endereços desconhecidos, sejam de pouca notabilidade ou nobres e expressivos, procuremos entender, em outra escala de cumplicidade, os vínculos com um endereço imortalizado na memória do povo carioca. O exemplo é a antológica Praça Onze "berço do samba", pertencente ao entorno periférico da Área Central do Rio de Janeiro.

A Praça Onze dos "bambas" do samba foi destruída, no início dos anos quarenta, pela avassaladora onda provocada pela reforma urbana ocorrida no centro do Rio de Janeiro, com vistas à abertura da avenida Presidente Vargas, em 1944, durante a administração do prefeito Henrique Dodsworth / gestão Presidente Getúlio Vargas. Para tanto, foram demolidos diversos prédios, ruas, quatro igrejas e destruída uma parte do parque Campo de Santana (MOURA, 1986; ABREU, 2006).

As intervenções urbanísticas, "realizadas sobre as paisagens herdadas do passado" (ABREU, 1998:9), tornaram-se constantes no espaço urbano carioca com o objetivo de se eliminar os vestígios do passado, pleno de logradouros estreitos e lamacentos, espaços encortiçados e velhos hábitos substituídos por monumentos magnificentes, vias amplas e higiênicas e posturas civilizadas. Por conseguinte, as cirurgias urbanas, nascidas com o propósito de extirpar os males da cidade encontraram grande acolhida entre as elites modernizadoras do país, "que jamais hesitaram em enfrentar qualquer apego a antigos valores, a antigas usanças urbanas, taxando sempre esse compartilhamento como indicador de conservadorismo, de atraso, de subdesenvolvimento" (ABREU, 1998:9).

Como resultado, na esteira do tempo, "demoliram passagens de vida inteira" (BOSI, 1995:21). Nas últimas décadas, contudo, engajados em um movimento de

preservação do passado, encontram-se lado a lado, geógrafos, historiadores, arquitetos, fotógrafos, cantores, museólogos, compositores, entidades diversas e o povo em geral, em meio a uma tradição viva e de impacto, capaz de acender um fervor contagiante, porquanto gravada e insistentemente evocada na própria paisagem remanescente de outros tempos, nos livros, em artigos, teses, na música, nos desfiles populares e em shows. Neste contexto, "paisagens excluídas" (COSGROVE, 1998:105), continuam sólidas e interiorizadas recebendo adendos, continuidade, acréscimos, renovação e preservação. Os sambas enredo são, provavelmente, os documentos registrados pela indústria fonográfica mais insistentes na busca e na recuperação da Praça Onze da yalorixá Tia Ciata, cuja casa de tornou-se, ao final do século XIX, uma referência para os negros da cidade, isto porque, praticamente, a cada ano há pelo menos um exemplar, no desfile do "maior espetáculo da Terra", tecendo loas ou algum aspecto memorialista sobre o consagrado endereço do samba. Outras canções do chamado meio de ano, continuam embrenhando-se pelo endereço de origem, desta modalidade rítmica, rendendo-lhe também homenagens, contribuindo para transformá-lo em endereço eternizado na memória.

A Praça Onze, endereço domiciliar e centro de lazer para a gente mais simples, era um ponto de resistência à cultura europeizada de outros locais da cidade, através de seus cortiços, bares, cabarés, além de manifestações da cultura negra esnobadas pelo restante da cidade e perseguidas pela polícia, como os jogos de capoeira, o candomblé e o samba, derivado do batuque. Em seu endereço, também conhecido como parte da "Pequena África do Rio de Janeiro", encontravam-se compositores notáveis como Pixinguinha, João da Baiana, Sinhô, Heitor dos Prazeres e outros ilustres produtores da música popular, incorporados à magia do lugar, mesmo sem o terem vivenciado diretamente (MOURA, 1986; MELLO, 1991).

Em suma, cabe ressaltar seguindo as palavras de Lowenthal, "o passado é um país estrangeiro" (LOWENTHAL, 1985), endereço de difícil penetração e domínio. Todavia, o estoque de lembranças individuais e a memória coletiva têm sido cada vez mais utilizados como tentativas, ancoradouros e (re)descobertas dos lugares de outrora. Ou seja, o acesso aos lugares remotos, transfigurados ou destruídos efetiva-se em cerimônias diversas, garantindo a compreensão a respeito do fascínio exercido por esses endereços. Na realidade, tal qual em uma delicada

reconstituição arqueológica, os destroços do passado são juntados e recompostos, permitindo o ingresso à magia das preciosidades, dos endereços pretéritos, que continuam presentes / interiorizados no íntimo dos indivíduos e da coletividade (MELLO, 1991).

Endereços Virtuais

Plugados na rede, consideremos a seguir, os endereços virtuais. A internet forneceu ao homem um ritmo alucinante, uma maneira de se comunicar e ver o outro lado do mundo aqui e agora. Trata-se da dromologia, a lógica da corrida, como escreveu o filósofo Paul Virilio (1984). Para o urbanista catalão Manuel Castells (2003), em sua obra *A Galáxia da Internet*, este recurso extraordinário é acima de tudo, uma criação cultural.

No Rio de Janeiro, os computadores estão em toda parte dos escritórios, aos endereços dos abonados e na periferia pulsante ou nas criativas favelas, estas aderindo até mesmo ao gato velox, uma maneira de se apropriar desta ferramenta e chegar, imediatamente, ao lugar-tempo vivido de outras classes sociais.

Os endereços da internet podem ser buscados nas páginas dos computadores a partir do http ou www e, entre outros caminhos, como nos blogs. Mas, o cuidado precisa ser extremo. Uma só letra trocada impede que o internauta adentre a este ou aquele portal. Longos endereços são difíceis de serem memorizados. Todavia, o google e outras buscas fabulosas na web permitem ancorar ou navegar neste ou aquele endereço. Ainda assim é preciso muita atenção. Coloquemos em evidência o site <http://www.roteiros.igeog.uerj.br>. Sua extensibilidade pode fazer com que o usuário esqueça ou se atrapalhe em chegar a este endereço. Uma só omissão ou troca de letra impede o trânsito pelas infovias. É claro que o chamado copia e cola pode ser uma maneira rápida e eficaz. Contudo, o google, por exemplo, (neologismo inglês para executar) pode facilitar a busca se forem digitadas as palavras roteiros do Rio. Assim, o universo de possibilidades se descortinará encaminhando ao site em questão. O mesmo sucede com o email deste site: roteirosgeorio@uol.com.br. Este não pode ser profanado em qualquer teclar sob o risco de não se chegar ao seu destinatário, exatamente o projeto de extensão pertencente ao Instituto de Geografia da UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, promotor, grátis, de roteiros empreendidos sob lunares ou

ensolaradas geografias no centro da ex capital da Colônia, do Reino, do Império e da República e em alguns bairros da Olímpica Cidade Maravilhosa de São Sebastião do Rio de Janeiro.

Referências:

ABREU, M. A. Evolução urbana do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro / Instituto Pereira Passos, 2006.

ABREU, M. A. Sobre a Memória das Cidades. Território. Rio de Janeiro.nº 4, p. 5-26, janeiro/junho 1998.

BENCHIMOL, J. Pereira Passos - Um Haussmann Tropical. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, Biblioteca Carioca, 1990. 330 p.

BOSI, E. Memória e Sociedade. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 487 p.

BUTTNER, A. Erehwon or nowhere land. In: GALE, S. and OLSSON, G. Philosophy in geography. Dordrecht, Holland, D. Reidel Publishing Company, 1979. p. 9-37.

BUTTNER, A. Aprendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLETTI, A. Perspectivas da geografia. São Paulo: Difel, 1985. pp. 165-193.

CASTELLS, Manuel. A Galáxia da Internet. Rio de Janeiro, Ed. Jorge Zahar, 2003.

CERQUEIRA, Ronaldo. Rio de Janeiro uma Cidade Conectada por Túneis. Dissertação de Mestrado ENCE / IBGE, 2009.

COSGROVE, D. Em Direção a uma Geografia Cultural Radical: Problemas da Teoria. Espaço e Cultura, Rio de Janeiro, nº 5, p. 5-30, janeiro/junho 1998.

CORREA, R. L. O espaço urbano. São Paulo: Ática, 1999. 94 p.

HARVEY, D. Condição Pós-Moderna. São Paulo: Loyola, 1993. 350 p.

LAGO, Mário. Na rolança do tempo. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 1977, 301 p.

LESSA, C. O Rio de todos os Brasis. Rio de Janeiro, Ed. Record, 2000.

LOWENTHAL, D. The past is a foreign country. Cambridge: Cambridge University Press, 1985

LOWENTHAL, D. Geografia, experiência e imaginação: em direção a uma epistemologia geográfica. In: CHRISTOFOLETTI, Antônio (ed). *Perspectivas da geografia*. São Paulo: DIFEL, 1985b. p. 103-141.

MELLO, J.B.F. de. O Rio de Janeiro dos compositores da música popular brasileira - 1928/1991 - uma introdução à geografia humanística. Orientador: Roberto Lobato Corrêa. dissertação de Mestrado, UFRJ, 1991. 301 p.

MELLO, J.B.F. de. Explosões e Estilhaços de Centralidades no Rio de Janeiro. *Espaço e Cultura*, Rio de Janeiro, nº 1, p. 23-44, outubro 1995.

MELLO, J.B.F. de. Dos Espaços da Escuridão aos lugares de extrema luminosidade - o universo da estrela Marlene como palco e documento para a construção de conceitos geográficos. Orientador: Roberto Lobato Corrêa. UFRJ. Tese de doutorado, 2000.

MELLO, J. B. F. . O Rio dos Símbolos Oficiais e Vernaculares. In: Zeny Rosendahl; Roberto Lobato Corrêa. (Org.). *Espaço e Cultura: Pluralidade Temática*. 1ª ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008, v. , p. 173-186.

MELLO, J. B. F. . A Olímpica e Nova Identidade Internacional da Cidade Maravilhosa de São Sebastião do Rio de Janeiro. In: IV Fórum de Debates - Povos e Culturas das Américas - Cidades: Cultura, Educação, Saúde e Direitos Sociais, 2009, Rio de Janeiro. *Anais do IV Fórum de Debates - Povos e Culturas das Américas - Cidades: Cultura, Educação, Saúde e Direitos Sociais*, 2009.

MOURA, R. Tia Ciata e a pequena África do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1983. 110 p.

PALMER, E. *Hermenêutica*. Edições 70. São Paulo: Martins Fontes, 1970.

RELPH, E. *Place and placelessness*, London: Pion, 1976. 156 p.

ROCHA, O P. A era das demolições - cidade do Rio de Janeiro 1870/1920. Rio de Janeiro: Biblioteca Carioca. 1986. 120 p.

ROSE, C. Wilhem Dilthey's philosophy of historical understanding: a neglected heritage of contemporary humanistic geography. In: STODDART, D. R. *Geography, Ideology and social concern*. Oxford: Brasil Blackwell, 1981, p. 99-113.

SOARES, L. E. Hermenêutica e ciências humanas. In: Estudos Históricos. Caminhos da historiografia. São Paulo: Vértice, 1988, p. 100-142.

SANTOS, M. Metamorfoses do espaço habitado. São Paulo: Hucitec, 1988, 77 p.

SCHUTZ, A. Fenomenologia e relações sociais. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, 319 p.

SEAMON, D. Body-subject, time-space routines, and place-ballets. In: BUTTIMER, A. and SEAMON, D. The Human Experience of Space and Place. New York: St. Martin's Press, 1980. 148-165 p.

TUAN, Y. F. Topofilia. São Paulo: Difel. 1980. 228 p.

TUAN, Y. F. Espaço e lugar. São Paulo: Difel, 1983. 250 p.

TUAN, Y. F. Dominance and Affection: The Making of Pets. New Haven: Yale University Press, 1984. 193 p.

TUAN, Y.F. The good life. Madison The University of Wisconsin Press, 1986. 191 p.

TUAN, Y. F. Escapism. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1998. 245 p.

VIRILIO, P. Guerra Pura. São Paulo: Página Aberta, 1984. 191 p.